

ANÁLISE ANTROPO-SOCIOLÓGICA DA SITUAÇÃO DE CONTATO DE GRUPOS GUARANI DO LITORAL DE SÃO PAULO COM A POPULAÇÃO NACIONAL (*)

MAURO CHEROBIN

1) O GRUPO GUARANI

Existem no litoral paulista cerca de duas centenas de índios Guarani vivendo em situação aculturativa com a sociedade brasileira, isto é, em contato direto e permanente (Coelho, 1964; 9) com a população praiana. Estão divididos em dois subgrupos: Mbuá e Nandeva. (cf. Schaden, 1954:12, 13 e 16/17). Estão aldeados havendo, no entanto, alguns indivíduos que se destribalizaram, residindo em zonas rurais do litoral ou em zonas urbanas de Santos e São Paulo.

Os aldeamentos do litoral são os seguintes: Bananal, ao sul de Itanhaém, mais ou menos 14 km. à esquerda da altura do km. 77 da ferrovia Santos-Juizópolis; Itariri fica na Serra dos Itatins, altura do km. 105 da mesma ferrovia; Rio Branco, no vale do mesmo nome, atrás da Serra de Jacupiranga e cerca de 13 km. do mar (op.cit., 1954:16/19) (v. anexo I). No litoral norte, a uns 15 km. da localidade de Barra do Una, em direção da serra, localiza-se a aldeia do Silveira (v. anexo II). As duas primeiras pertencem ao subgrupo Nandeva-Guarani e as duas últimas aos Mbuá-Guarani.

Schaden (op.cit., 23/24) informa que a integração na sociedade nacional dos subgrupos Guarani se processa de maneira diversa: os Mbuá são mais prósos à sua cultura tradicional, mantendo sua língua e religião, enquanto os Nandeva, mais abertos ao mundo dos brancos, estão inclusive, deixando de cultivar sua religião em razão da mistura étnica que se processa no grupo (é comum entre eles casamentos mistos, isto é, entre índios e caiçaras: os mestiços, além de ignorar a religião tradicional, ainda a ridicularizam. Alguns indivíduos Nandeva encontram-se de tal modo aculturados que pouco se diferenciam de seus vizinhos caiçaras (Goldman, 1959).

Vive o grupo das atividades de subsistência e da venda de produtos artesanais à população nacional. As atividades que chamamos de subsistência são aquelas que se referem à agricultura, pesca e caça, sempre atendendo às necessidades mínimas de sobrevivência. Parcialmente, estas atividades identificam os Guarani aos neo-brasileiros da área. Entretanto, os índios ainda são reconhecidos como tais pelos brasileiros, e reconhecem-se a si mesmos como grupo étnico distinto, apesar de estarem sofrendo progressivo processo de deculturação, que se traduz especialmente em termos de desorganização social e de quebra de seu esquema religioso. Muitas são suas reinterpretações no aspecto religioso e o sincretismo linguístico é notado em palavras de procedência espanhola e portuguesa (p. ex., kutxara e diacaré, colher e jacaré, respectivamente) (observação pessoal, 1969).

A bibliografia referente aos Guarani é copiosa (Baldus, 1954 e 1968) e engloba os do território do Brasil, do Paraguai e da Argentina. Entretanto, a literatura sobre os Guarani do litoral é escassa.

Os trabalhos mais antigos sobre os índios litorâneos são de viajantes, revelando uma pretensão somente descritiva ou então aparecem em artigos de outras especialidades sem qualquer objetivo de analisar aspectos sócio-culturais. No entanto fornecem dados sobre contatos com a população praiana.

Uma análise global de conteúdo de toda a bibliografia referente aos Guarani revela uma concentração de interesses nos campos da linguística, aspectos de organização social e religião, acentuando estes os problemas de mudança cultural.

2) A POPULAÇÃO PRAIANA

Já que o grupo guarani só pode ser compreendido em suas múltiplas manifestações de vida, através do contato que lhe é imposto pela população praiana, as formas assumidas por esse contato e suas consequências devem ser estudadas também através de uma análise desta população envolvente. Este segmento populacional divide-se em duas categorias: os pescadores ou caiçaras e os lavradores ou tabacudos. Esta população forma um grupo fechado, isolado da sociedade global, vivendo em situação de auto-suficiência (Mussolini, 1953: 87), por habitar uma chamada "área de deserção", motivada pelo esvaziamento humano em direção ao planalto e cada vez mais distante do mar. Consequentemente houve uma sedimentação daquela antiga cultura trazida da Europa (op. cit., p. 81) e a sua conservação até os dias atuais, motivada por este isolamento (p. cit., p. 93). Não havendo um contato fácil com os aglomerados urbanos, o homem teve que se dedicar à uma exploração intensiva do meio, valendo-se de técnicas indígenas - as mais apropriadas - e a sua intimidade com o meio, no litoral, dividiu suas atividades entre a pesca e a lavoura, dentro de ciclos, determinados pela natureza. Estas atividades de subsistência, sem excedentes para a troca e para a venda (op.cit., p. 85), facilitaram a formação de grupos fechados, no entanto carentes de uma coesão social e com "uma organização bastante simples, com um número reduzido de instituições acima do nível dos agrupamentos de parentesco" (Schaden, 1965: 154).

3) SITUAÇÃO DE CONTATO

Ao lado desta população estão os Guarani, vindo de outras regiões em busca da "Terra sem males", localizada no oriente. Um povo essencialmente místico, portadores de uma religião que determina em profundidade seus comportamentos e expectativas.

Chegando aí em épocas distintas e de locais diferentes, estabeleceram-se os dois subgrupos em aldeias próximas. Os Nandeva vieram das barrancas do Paraná, território paraguaio; os Mbúá vieram de Guairá, Paraguai, descendo por Missões, entrando pelo Rio Grande do Sul, atravessando os Estados de Santa Catarina e Paraná, vieram se estabelecer em Rio Branco; sobem agora um pouco mais ao norte, até a aldeia do Silveira.

As quatro aldeias mantêm contato com a população nacional de maneiras diferentes: o Bananal, habitado por Nandeva é o grupo mais aberto às influências externas. Segundo informações pessoais do Prof. Schaden e dados extraídos de sua monografia, em 1946 já havia casamentos mistos e muitas mulheres moravam fora da aldeia em razão de seus casamentos com caiçaras. Na ausência de Nandeva (1) os índios consultavam um curandeiro da região. O grupo encontrava-se num

estado crescente de destribalização. No Itariri a situação cultural dos seus habitantes era idêntica à situação dos moradores do Bananal, entretanto não eram observados casamentos interétnicos. No Rio Branco, por outro lado, os índios pertenciam ao subgrupo Mbutá, portadores de uma forte consciência grupal em oposição aos brancos, um grupo culturalmente mais fechado, apresentando no entanto, maior mobilidade espacial do que os Nandeva. Viviam em viagens pelas cidades próximas vendendo seus artefatos, pedindo esmolas e se embriagando. Em agosto de 1969 na aldeia do Silveira, pudemos observar uma situação idêntica à do Rio Branco. Seus moradores são oriundos desta aldeia, vindo alguns outros de Palmeirinha (cerceanias de Guarapuava, Pr.), tendo antes passado por Rio Branco.

Vemos na exposição acima uma diferenciação, significativa entre os subgrupos Guaraní (Schaden, 1963a: 83), o que origina diferentes tipos de contáto com a população neo-brasileira. Por outro lado, observamos dois outros grupos, estes componentes da sociedade nacional: os caiçaras (2), já cita os, e os turistas. Os Guaraní e os Caiçaras estão quase no mesmo nível tecnológico e organizatório. Num nível diferente estão os turistas, que os deixa num relativo isolamento. Esta situação de contáto implica na análise desta população flutuante e sem nenhum desempenho econômico na área, mas que, possivelmente, tenha influência na subsistência dos locais.

É neste contexto em que se interagem grupos distintos, que pretendemos focalizar mudanças e conservantismo culturais dos Guaraní e para isto, não podemos deixar de focalizar a dinâmica dos grupos que interagem com o indígena e que condicionam a sua assimilação (Schaden, 1963b: 264).

- o -

O problema que pretendemos abordar junto aos Guaraní tem semelhanças ao que Roberto Cardoso de Oliveira abordou junto aos Terena (1957 e 1960). Por esta razão usaremos o seu esquema na nossa primeira abordagem, pois as situações de contáto também têm algumas semelhanças. O objetivo do autor citado foi o de procurar "compreender a interação social que, de forma sistemática e contínua vem ocorrendo entre os Terena e a sociedade nacional" para descobrir "então", os mecanismos sócio-culturais que têm influido, direta ou indiretamente no processo menos geral e mais específico" a que ele chamou de assimilação (1957: 173 e 1960: 13). Mas nós procuraremos não trabalhar dentro deste conceito por ter uma conotação mais política que cultural e ser um termo mais sociológico que antropológico (Coelho, 1964:4). Para que houvesse uma genuína assimilação, o indígena teria de ser aceite pela sociedade nacional como se não fosse índio, isto sobretudo de quaisquer estigmas; isto significaria também do próprio nativo o sacrifício de sua primitiva identidade étnica e da consciência de sua origem na fundamentação das relações com a sociedade nacional. É precisamente o que não se tem verificado (Schaden, 1967: 11), razão pela qual optamos trabalhar com o conceito de aculturação dentro do esquema escolhido. O indivíduo "uma vez socializado à vida tribal, embora transformada, não seria capaz de assimilar-se e de ser assimilado" (op. cit., p. 11). Conhecemos um guaraní hoje com 59 anos, e mais de 40 fora do grupo, isto é, destribalizado, que, apesar de se dizer civilizado, ainda se identifica como índio.

Para podermos compreender os mecanismos que influenciam a persistência e a mudança de valores tradicionais, procuraremos analisar as relações conjuntivas, isto é, a trama de papéis interculturais; eles fornecem as linhas de comunicação e transmissão entre as duas culturas. Os portadores destes papéis são indivíduos e é no encontro destes mesmos indivíduos - que não conhecem a totalidade de sua cultura e nem transmitem tudo aquilo que conhecem - que se dão as trocas de elementos culturais (Siegel e outros, 1954).

De outro lado, a inserção desses indígenas, como indivíduos e como grupo, na estrutura regional será analisada através do conceito de integração, ou como querem alguns autores mais radicais, de simples acomodação. Desta maneira pretendemos abordar as relações conjuntivas de índios e civilizados em dois planos que se complementam: cultural e social.

Examinando o trabalho proposto com o realizado pelo Prof. Schaden, procuraremos:

1) Examinar a nova situação de comunicação inter-papel que se formou após o trabalho de Schaden, e que se explica em termos do excepcional desenvolvimento sócio-econômico do Estado de São Paulo, com a conseqüente mobilidade de sua população urbana.

Em se tratando do litoral, tal mobilidade está inclusive ligada ao aproveitamento do tempo de lazer, cujo estilo de vida tem como personagem representativa naquela área, o turista;

2) Examinar o ajustamento do índio na estrutura regional, como decorrência dessas novas condições de vida. O trabalho de Schaden se teve mais no nível da cultura, especialmente do da religião

- o -

Neste trabalho de campo serão usadas como técnicas principais, entrevistas, histórias-de-vida e, principalmente, observação, se possível, observação participante.

É nessa pretensão ir ao campo em janeiro e julho por duas razões: primeiro por ser época de chuva e de seca, respectivamente, e segundo por serem as épocas de "temporadas". Poderemos assim observar a relação do grupo com o meio, quanto à sua subsistência e com relação aos turistas na venda de seus artefatos. No período entre estes dois meses faremos viagens para "controle" das atividades de subsistência e comercial. Além destas visitas às aldeias se faz necessário visitar as famílias destribalizadas para verificar o seu grau de integração - aqui é válido o uso - na sociedade nacional.

O relatório será em partes, focalizando (1) os Guaraní como grupo numa análise global, (2) os Guaraní do litoral (a) analisando os diversos tipos de contáto com a sociedade nacional e (b) comparando os dados com estudos realizados com grupos guarani de outras áreas, (3) caracterização da população praiana e da turista e (4) uma conclusão analisando os dados colhidos para daí inferir os mecanismos de persistência cultural num grupo de densidade muito pequena e envolvida por uma população de densidade bem superior à dos índios.

NOTAS DE RODAPÉ

(*) - Este projeto foi elaborado com base na bibliografia citada e em "survey" que realizamos à área (aldeia do Silveira), no período de 30/08 à 06/09 de 1969. Esta visita preliminar fazia parte da programação de pós-graduação de Antropologia Geral da Universidade de São Paulo.

(1) - Nanderú ou médico-feiticeiro, é a designação que recebe o "rezador" ou chefe religioso. Parece ser uma transferência da designação do Chefe da família-grande (Schaden, 1954: 109 e 113).

(2) - Estamos usando a designação caiçara tanto para os pescadores como para os lavradores.

BIBLIOGRAFIA

BALDUS, Herbert

1954 - Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, Vol. I, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.1968 - Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira, Vol. II, Hannover, Kommissionsverlag Münstermann-Druch GMBH.

COELHO, Ruy Galvão de Andrada

1964 - Os Karaib Negros de Honduras, Separata da Revista do Museu Paulista, N.S., 15: 1-212, São Paulo.

COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

1915 - Exploração do litoral. 1ª Seção, cidade de Santos a fronteira do Estado de Rio de Janeiro, São Paulo, Secretaria da Agricultura.1920 - Exploração do litoral, 2ª seção, cidade de Santos a fronteira do Estado do Paraná, São Paulo, Secretaria de Agricultura.

GOLDMAN, Frank

1959 Artesanato dos índios do litoral sul, Revista Anhembi, ano 9, 33 (98): 363-367, São Paulo.

MUSSOLINI, Gioconda

1953 - Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro Revista de Antropologia, 1 (2): 81-97. São Paulo.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de

1957 - Preliminares de uma pesquisa sobre assimilação dos Terena, Revista de Antropologia, 6 (2) . 173-188. São Paulo.1960 - O processo de assimilação dos Terena. Rio de Janeiro, Museu Nacional.

SCHADEN, Egon

1954 - Aspectos fundamentais da cultura guaraní, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 188 (Antropologia nº 4) , 1-216. São Paulo.1963 a - Caracteres específicos da cultura mbúá-Guaraní, Revista de Antropologia, 11: 93-94. São Paulo.1963 b - Estados de aculturação indígena, Revista do Museu Paulista, N.S., 14: 263-268. São Paulo.1965 - Aculturação indígena, Revista de Antropologia, 13:3-317. São Paulo.1967 - Aculturação e assimilação dos índios do Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 2: 7-14, São Paulo.

SCHMIDT, Carlos Borges

1958 - Lavoura caieira, Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura (Série Documentos da Vida Rural, nº 14).

SIEGEL & OUTROS

1954 - Acculturation: An Exploratory Formulation. The Social Science Research Council Summer Seminar on Acculturation, American Anthropologist, 54(6): 973-995, part I, Menasha, Wis.